

"Uma montanha-russa de tensões,  
marcada por voltas e reviravoltas."

- *The New York Times*

# SEGREDOS

CAITLIN  
WAHRER

# SEGREDOS

CAITLIN WAHRER

TRADUÇÃO  
**FÁBIO ALBERTI**



THE DAMAGE COPYRIGHT © 2021 CAITLIN WAHRER  
VIKING AN IMPRINT OF PENGUIN RANDOM HOUSE LLC.  
ALL RIGHTS RESERVED.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

*Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.*

**Diretor editorial: PEDRO ALMEIDA**  
**Coordenação editorial: CARLA SACRATO**  
**Preparação: DANIELA TOLEDO E ARIADNE MARTINS**  
**Revisão: LUCIANE GOMIDE E GABRIELA DE AVILA**  
**Projeto gráfico e diagramação: CRISTIANE | SAAVEDRA EDIÇÕES**  
**Capa: RENATO KLISMAN | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

---

Wahrer, Caitlin

Segredos / Caitlin Wahrer ; tradução de Fabio Alberti. — 1. ed. —  
São Paulo: Faro Editorial, 2022.

304 p.

ISBN 978-65-5957-112-3

Título original: The damage

1. Ficção norte-americana I. Título II. Alberti, Fabio

21-5601

CDD 813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



1ª edição brasileira: 2022  
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310  
Alphaville – Barueri – SP – Brasil  
CEP: 06473-000  
[WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR](http://WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR)



# MONSTROS

Eu conheci monstros e conheci homens.  
Estive sob suas longas sombras  
E os sustentei com minhas próprias mãos,  
Busquei por seus insondáveis rostos no escuro.  
Eles são mais difíceis de distinguir do que você imagina.  
Do que você jamais saberá.

— CLAIRE C. HOLLAND, "CLARICE"

# 1

Julia Hall, 2019



A DEPRIMENTE CASA DO DETETIVE ERA ALTA E AZUL-ESCURA, com acabamento desgastado. Ela se sobressaía contra o céu brilhante, afastada do amontoado de neve que recobria a rua. A casa estava coberta pela nevasca da noite anterior, mas o número 23 pregado na porta da frente mantinha-se visível. Havia espaço para estacionar na estreita garagem, mas Julia Hall optou por deixar o carro na rua.

Remexeu-se no assento para pegar algo no bolso do casaco, encontrando ali um papel dobrado. Enquanto puxava o bilhete, desejou que o endereço fosse outro — estava na *Maple Drive street, 23, Cape Elizabeth*.

— Coragem — ela disse em voz alta, então olhou de soslaio para a casa. Não parecia haver alguém nela. Pelo menos, não teria sido vista falando sozinha.

Julia bateu a porta do carro com força e pensou em seu antigo veículo, de três anos antes, da época em que teve de falar com o homem que a esperava dentro daquela casa.

Apesar da nevasca, a calçada estava limpa. *Será que ele havia removido a neve por causa dela?* No caminho, ela se concentrou no som de seus passos até a porta de entrada, tocou a campainha, que mal havia terminado de soar quando a porta se abriu.

— Julia — disse o homem parado à porta. — Como está, querida?

Melhor do que ele, com certeza. Porque o homem de pé diante dela era o detetive Rice, ou pelo menos o que havia restado dele. No passado, teve um porte físico imponente, mas agora parecia exaurido e

recurvado. Seu rosto estava pálido e marcado por olheiras acentuadas. Usava um boné enterrado na cabeça na tentativa de ocultar um crânio totalmente careca.

— Bem, detetive Rice. Estou bem.

Eles se cumprimentaram com um desajeitado aperto de mãos, e o detetive se inclinou para a frente, como se fizesse menção de abraçá-la.

— Pois então... Não quer entrar?

*Desde que você me ligou, tenho passado mal todos os dias*, era a resposta que Julia queria dar. Em vez disso, sorriu e mentiu:

— Sim, é claro.

— E pode me chamar apenas de John, por favor — ele disse, movendo-se para trás e dando passagem para que ela entrasse.

Rice parecia ter envelhecido dez anos nos últimos três, talvez devido ao câncer. Não que ela estivesse muito melhor. Durante a maior parte da vida, Julia parecia mais jovem do que a idade que tinha. Porém, nos últimos anos, isso havia mudado. Ela parecia ter trinta e nove agora.

Enquanto tirava as botas, Julia inspecionava o local, e uma vizinha em sua cabeça advertiu-a do quanto era estranho estar *no hall de entrada do detetive Rice*. O banco em que estava sentada era robusto, prático. À sua esquerda havia o único detalhe curioso: uma pequena estante cheia de livros de jardinagem. Quando Julia o conheceu, tanto tempo atrás, nem passou pela cabeça dela que Rice lidasse com jardinagem. Isso sugeria uma ligação com a terra que ela não percebera.

— Não sei se consigo chamar você de John — ela disse, levantando-se. — Acho que você sempre será “detetive Rice” para mim.

Ele sorriu para Julia e deu de ombros.

Julia o seguiu por um corredor estreito, com as paredes cobertas de fotos de família e de artefatos religiosos: havia vários retratos de um detetive Rice mais jovem e de sua falecida esposa, Julia supôs, bem como de três crianças; um crucifixo e um ramo seco de palmeira; a foto de um neto ao lado de uma imagem de Jesus.

Enquanto a conduzia pelo corredor, o detetive Rice disse algo que ela não entendeu.

— O quê?

Ele se virou e a encarou por sobre o ombro.

— Estava falando sobre o seu carro novo.

— Ah, sim. — Ela apontou o polegar para si mesma. — Acho que melhorei de vida desde a última vez que nos vimos.

Julia percebeu a mudança na altura dele. *Rice ainda era um homem alto, ela avaliou enquanto o seguia, mas a doença havia lhe custado vários centímetros.*

— Podemos nos sentar aqui. — Ele apontou para uma sala de estar que se resumia a duas grandes cadeiras reclináveis e uma pequena mesa de centro.

O detetive Rice fez sinal para que Julia se sentasse e continuou andando pelo corredor.

Julia foi para a sala de estar. *Respire fundo*, ela pensou.

Andou até a janela do outro lado da sala. Dali podia ver a *Maple Drive street* e um casarão. Uma neve espessa estava presa na janela. Poucas coisas eram tão desoladoras quanto o estado do Maine em fevereiro.

Os meses frios eram difíceis; sempre foram. Todos os anos, Julia tinha que enfrentar a realidade do outono e do inverno no Maine, e nenhuma das duas estações se assemelhava às versões cheias de nostalgia romântica guardadas em sua mente. A neve geralmente começava em dezembro e só cessava em abril. E, depois *daquele* inverno — em que ela viu o detetive Rice pela última vez —, essa estação passou a portar uma espécie de melancolia existencial que precisava ser removida com a neve.

— Que vista, não é?

Julia se assustou quando ouviu a voz de Rice soar atrás dela.

Ele estava na porta agora, sorrindo para ela. Trazia duas xícaras nas mãos.

Rice estava apenas preparando café. Julia suspirou, demonstrando alívio.

Ela se dirigiu à cadeira e se sentou. Aceitou a xícara e observou o detetive acomodar-se em sua própria cadeira. O aroma que veio ao seu nariz não era de café, e sim de chá. Ela provou a bebida, que lhe pareceu adocicada demais. Isso foi uma surpresa.

— Seus filhos estão bem? — Rice perguntou, bebericando um gole de chá.

— Estão, sim, obrigada.

— Quantos anos eles têm agora?

— Hum... dez e oito.

— A gente nunca está preparado para lidar com o crescimento deles.

Havia algo em Rice que tornava fácil esquecer que ele próprio tinha filhos. E filhos adultos. E também netos, a julgar pelas fotografias no corredor. Não era a personalidade dele que a fazia esquecer que ele era pai — era a profissão. Alguma coisa no fato de ele ser um *detetive* a fazia esquecer que a vida dele ia além daquilo.

Julia fez um aceno afirmativo com a cabeça e esperou que ele lhe perguntasse sobre Tony.

— Você deve ter ficado surpresa quando recebeu notícias minhas na semana passada.

*Que curioso*, ela pensou. O fato de Rice não ter mencionado o marido dela pareceu uma ofensa pessoal, principalmente depois de tudo o que havia acontecido.

Na quinta-feira, ao final de uma longa manhã no tribunal, Julia ficou *realmente* surpresa quando pegou o celular e encontrou uma única mensagem de voz a sua espera. Para ela, chegar ao final da manhã com apenas uma chamada perdida era sinal de um dia tranquilo. Ela gritou “até logo” para o delegado que estava à porta e clicou na mensagem enquanto se afastava do prédio do tribunal. A voz anasalada que soou de seu celular interrompeu seu passo; era lenta, porém inconfundível. Uma voz que lhe metia medo. Anos antes, ela quase entrava em pânico sempre que o seu celular tocava ou sua caixa postal piscava, temendo que fosse a voz dele do outro lado da linha.

— Fiquei surpresa quando você entrou em contato comigo — Julia respondeu. — E também bastante triste por saber que você está doente. — Ela se inclinou um pouco na direção de Rice, reparando que não havia mencionado a doença desde a conversa que tiveram na semana anterior, quando ele lhe pediu que fosse até sua casa. — Qual é o seu... prognóstico?

— Bem, não é nada animador — ele disse em tom casual, como se falasse na possibilidade de voltar a nevar. — Meu médico acha que a minha “qualidade de vida” vai piorar bastante em dois ou três meses, e depois disso as coisas podem chegar ao fim bem rápido.

Julia percebeu a ênfase na expressão “qualidade de vida” e imaginou o detetive Rice sentado no escritório do médico, de roupão, dizendo:



“Qualidade de vida? Que porra é essa agora? Só me diga logo quando é que eu vou morrer”.

Ela sorriu afetuosamente para o detetive.

— É bom saber que você ainda pode ficar na sua casa.

— Vamos ver até quando.

Eles beberam outro gole de chá.

— Bem... — Rice disse, e riu, discreto, dando de ombros. Seria de nervosismo? — Agradeço que tenha vindo até aqui. Como eu já disse, gostaria de ter conversado com você antes de, bom... — Ele deu de ombros novamente.

— Enquanto você ainda tem a tal “qualidade de vida”.

O detetive Rice riu, então deixou escapar uma tosse engasgada e estendeu a mão para a parte de trás da cadeira. Ouviu-se um rangido de uma roda emperrada, e Rice puxou um tanque de oxigênio portátil. Ele colocou a máscara no rosto, respirou e ergueu um dedo no ar, indicando à Julia que aguardasse alguns instantes.

Ele começou a retirar a máscara.

— Por que não deixa isso ligado? — Julia disse. — Eu não quero que...

— Não — o detetive Rice respondeu com firmeza. — Agradeço, mas não.

Com a máscara de volta ao tanque, o detetive Rice se acomodou novamente na cadeira, mais tranquilo.

— Depois de tudo o que aconteceu, eu não sabia ao certo se você viria. Mas precisava falar com você. E acho que você tem algumas coisas a me dizer também.

Julia teve que se esforçar para sustentar aquele olhar. Os olhos dele estavam marejados, e os dela não queriam focar neles.

— Eu realmente não tinha certeza de que você viria — ele voltou a dizer. — Mas você sempre foi legal demais para dizer não a uma pessoa.

O que ela deveria dizer agora? Pelo visto ele não esperava uma resposta, porque voltou a falar:

— Tudo bem, então. Vamos começar do começo.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

[WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR](http://WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR)

CAMPANHA



Há um grande número de portadores do  
vírus HIV e de hepatite que não se trata.  
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e  
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO  
EM JANEIRO DE 2022